



CIRCUITOS TEMÁTICOS

No Curso das Águas

“No Curso das Águas”

Ao visitante chegado a Óbidos parecerá peculiar a hipótese de participar num circuito *No curso das Águas*. Os rios são pequenos cursos de água, já não avistamos a lagoa e a conotação medieval da vila não preenche o imaginário da simbiose arte/água que se desenvolveu nas épocas subsequentes, Renascimento e Barroco.

do Mocharro (actual encosta fronteira à Várzea da Rainha no arrabalde da vila), por volta do séc. XVI, isto referindo apenas algumas das implicações directas. O equilíbrio simultaneamente frágil e rico deste ecossistema continua a possuir uma considerável importância económica, apesar de distante da que possuiu noutros períodos

dos trabalhos até à abertura da língua de terra que permitiria que o oceano e a lagoa se complementassem. A intervenção do homem nestas águas livres estendeu-se aos rios que correm no sopé de Óbidos. Em 1650, por exemplo, é dado um novo curso ao rio Real, passando a atravessar a Várzea da Rainha em linha recta até à



No entanto, para entendermos a história de Óbidos precisamos de compreender a importância da água nas suas múltiplas dimensões, na forma como o homem a procurou dominar e na forma como a natureza evoluiu determinando mudanças na percepção humana do espaço. A história de Óbidos demonstra três dimensões dessa percepção: águas livres, cativas e sagradas.

AS ÁGUAS

As **águas livres** demonstraram ao homem que, apesar do seu engenho, o determinismo geográfico pode forçá-lo a mudar a sua forma de vida e não apenas o inverso. A lagoa de Óbidos atesta precisamente este conceito, as suas diferentes margens levaram o homem a procurar novas localizações de instalação comunitária. O recuo histórico das margens ajudou ao abandono da cidade romana de Eburobrittium (séc. V) e do núcleo populacional

históricos, quando a lagoa e os rios afluentes permitiam a pesca e, nos terrenos circundantes, a caça. Facilmente compreendemos o impacto que o frequente assoreamento provocava, multiplicando-se as referências históricas aos trabalhos de regularização da entrada da Lagoa. D. Afonso V, nas cortes de Évora de 1460, determinou que o concelho de Óbidos pudesse, com autoridade própria, convocar os habitantes da Atouguia e Cadaval para participarem nos trabalhos de abertura da lagoa. Seria mesmo tradição as principais figuras da vila assistirem aos trabalhos e os sinos tocarem desde o início

lagoa, deixando de existir o Rio do Meio (Memórias Históricas..., pp. 74-75). Sem o podermos garantir de forma incontestável, acreditamos que estas alterações na hidrografia local teriam como objectivo o domínio dos solos para aproveitamento agrícola, um pouco à semelhança do que fizeram os monges de Alcobaça na várzea do Valado dos Frades, antiga lagoa da Pederneira. A distinção que avançamos, classificando diferentes dimensões da forma como a água tem sido utilizada, não deve ser encarada como uma compartimentação estanque, mas como um processo contínuo e integrado. Assim



Encosta do Mocharro e Várzea da Rainha

sendo, estabelecemos a ponte para outro conceito, o de **águas cativas** ou *humanizadas*, reflexo da intervenção do homem sobre o precioso elemento, controlando-o e utilizando-o como suporte à vida. Em ligação com a evolução da ocupação espacial da vila surgem as infra-estruturas de abastecimento aproveitando nascentes, criando fontes, aquedutos e chafarizes. As mudanças nas relações entre o poder e a população, nos cuidados de higiene, na saúde pública, são exemplificados, com alguma facilidade, quando analisados comparativamente com a cronologia dessas infra-



Eburobritium

estruturas. Exemplificando:
 - A forte implantação do termalismo na cultura romana ou romanizada é demonstrada pela descoberta arqueológica das termas de Eburobritium;
 - A frugalidade medieval no uso da água, de frágeis registos em termos históricos, é representada pela cisterna na torre D. Fernando;
 - O Renascimento foi marcado pela preocupação de Senhores ou Senhoras com uma população carenciada, apoiando a construção de aquedutos e chafarizes. Óbidos, no séc. XVI, exemplifica esta relação num interessante contrato entre a população e a rainha D. Catarina de Áustria, em que, genericamente, ambas as partes acordam na

construção de um aqueduto que abastecesse a vila com água da nascente da Usseira compensando a Rainha com a fértil várzea, cujo nome passará a ostentar o seu título. O aqueduto com uma extensão de seis quilómetros está repartido em três troços: um primeiro com três quilómetros de canalização subterrânea da nascente na Usseira até ao Vale dos Arcos; um segundo, em troço aéreo, cerca de dois quilómetros e meio, até à Porta da Vila; e o terceiro por canalização subterrânea até ao Chafariz na praça de Santa Maria. A relevância de uma obra desta natureza para as populações da época é difícil de transmitir num



Chafariz da Praça de Sta. Maria

circuito ou num texto, no entanto assumimos essa tarefa apresentando apenas três argumentos:
 - Até então o abastecimento era efectuado em poços privados e num poço público. A existência deste último é testemunhada na toponímia local (Câmara TB, p. 63). Em conjunturas de seca, as fragilidades deste incipiente sistema de abastecimento seriam sentidas com acuidade, obrigando os locais a procurarem água na Fonte do Jardim, a dois quilómetros de distância, vendida a um preço alto aos moradores, para além da insegurança para as mulheres que a transportavam;
 - O aqueduto esteve

operacional nos quatro séculos seguintes. Foram vários os reis e rainhas que ordenaram obras de recuperação, como D. Filipe II ou D. Maria I. Ainda no século XIX a Câmara Municipal de Óbidos lançava posturas de combate aos abusos de proprietários de terrenos junto ao aqueduto proibindo os desvios das suas águas;
 - Apesar dos investimentos efectuados neste domínio em Portugal no século XVI, com os aquedutos de Évora ou Elvas, a Capital do reino era servida por um chafariz, o que leva Francisco d' Holanda a ironizar sobre a pretensão de Lisboa ser a Capital do Mundo, quando não tinha água para dar à gente do Mundo.



Chafariz da Biquinha

No que concerne ao abastecimento no interior da muralha e arrabalde, para além do mencionado Chafariz da praça de Santa Maria, a vila dispunha (e ainda dispõe) da Fonte da Biquinha, cuja tradição aponta a origem para a época de D. Afonso Henriques, e o Chafariz de D. Maria mandado construir pela Rainha D. Maria, em 1792, aquando das obras de restauro do aqueduto e substituição da canalização da Rua Direita. A construção deste Chafariz enquadra-se num programa Barroco que fazia da água uma forma de afirmação do poder. Nesse contexto entende-se a epígrafe aí colocada e que diz o seguinte: *Maria Primeira. Utilidade Pública. 1792.*

Depois da dimensão utilitária, mas vital, das *águas cativas*, e da afirmação da natureza das *águas livres*, falta-nos referir a dimensão **simbólica e sagrada**. Óbidos apresenta exemplos, diversos no conteúdo e na forma, mas que reflectem a importância intemporal da água, manifesta na iconografia da igreja cristã e na tradição oral através de lendas e contos. Começando por este último ponto, apresentamos alguns exemplos de lendas e contos, quase todos ligados à lagoa, como o caso das lendas atribuídas à etimologia da Poça da Cativa. Refere a tradição que ali teria existido uma forja no tempo dos



Chafariz de D. Maria

mouros e que quando os cristãos conquistaram este território encontraram junto a um charco uma moira que prenderam na vila. Também os musaranhos ou homens marinhos fazem parte do imaginário local, estando inclusivamente referenciado o relato de um pescador na obra Memórias Históricas, uma súplica da História Local escrita na primeira metade do século XIX. A iconografia cristã e a água estão representadas de diferentes maneiras em igrejas e capelas de Óbidos. São João Baptista, o mais importante santo do hagiógrafo cristão relacionado com a água, devido ao facto de ter baptizado Jesus

Cristo, está profundamente relacionado com Óbidos. Foi orago da igreja e do núcleo populacional moçarabe do Mocharro, no arrabalde da vila. Esta comunidade implantada na encosta ocidental, no exterior das muralhas, provavelmente devido à sua ligação à lagoa, foi obrigada a abandoná-la com o assoreamento lagunar. O abandono progressivo desse núcleo, durante o século XVI, teve o seu auge em 1636 com a transferência da paróquia de S. João do Mocharro para a capela de São Vicente, que passa a ter como invocação São João Baptista. Curioso é o facto do culto a São Vicente, de forte



Igreja de S. João Baptista

presença no período medieval em território nacional, estar também ligado à água, mais especificamente ao mar. A transferência das relíquias deste santo, ordenada por D. Afonso Henriques, de Sagres para Lisboa, foi efectuada por barco com dois corvos que acompanharam as relíquias. O barco e os corvos ficaram desde então como os atributos de São Vicente. Em Óbidos a capela de São Vicente seria parte de um complexo de assistência aos gafos, fundado no século XIV, por iniciativa da Rainha D. Isabel. O século XVI deixa-nos dois espaços interessantes de referir neste contexto: a capela de Santa Iria e o baptistério de São Pedro.

Santa Iria é a santa invocada para protecção das águas, pois, depois de morta, foi deitada ao rio Nabão que a levou até desaguar no Tejo. As águas até então tormentosas e geradoras de grandes cheias acalmaram-se após o contacto com o corpo da santa. A capela de Santa Iria, segundo a tradição, terá sido construída por pedreiros da obra do aqueduto, em cumprimento de uma promessa. Se a inauguração do aqueduto acontecesse sem impedimentos ou roturas, atestando a construção sem defeitos, a capela seria construída. Apesar da inauguração ter corrido da forma desejada, não podemos



Ermida de Sta. Iria

afirmar com clareza que terá nascido nesta ocasião o culto a Santa Iria. O facto da imagem desta capela ser do século XV, enquanto o edifício é do século posterior, deixa no ar a hipótese de ter existido um templo primitivo no mesmo local (Gorjão S, 2000, p. 87-88). Particularmente interessante é o baptistério da igreja paroquial de S. Pedro. Num templo marcado pelo ruinoso efeito do terramoto de 1755 sobreviveram três elementos: o portal principal, a belíssima escada helicoidal da torre sineira e o baptistério, na entrada do templo do lado do Evangelho. O baptistério com a pia baptismal é coberto por uma cúpula singela, que



Batismo de Cristo



Baptistério da Igreja de S. Pedro



Chafariz do Senhor Jesus da Pedra

6

confere a dignidade necessária ao momento do baptismo, o momento da purificação do pecado original. Para terminar voltamos a referenciar o século XVIII, desta vez no período pré-terramoto, para referir o culto ao Senhor Jesus da Pedra. Envolto em contextos lendários, a imagem do Senhor Jesus da Pedra, de acordo com a lenda mais firmemente estabelecida, refere que um lavrador escutou uma voz entre um silvado dizendo que não iria chover enquanto não se venerasse condignamente a imagem (Gorjão S, 1998, p. 30). A cruz foi encontrada entre as ruínas de uma capela, camuflada pela vegetação, gerando um fenómeno que levou à organização de uma procissão que partiu da Porta de Nossa Senhora da Graça até ao local do actual Santuário do Senhor Jesus da Pedra. Depois das orações regressaram em procissão até à actual Igreja de Nossa

Senhora do Carmo (antiga São João do Mocharro) e, pouco tempo depois, choveu abundantemente permitindo um bom ano de colheitas. A construção do imponente santuário, pelo desenho do capitão Rodrigo Franco e acção mecénica do Patriarca de Lisboa D. Tomás de Almeida e do rei D. João V, reflecte a importância assumida pelo Senhor Jesus da Pedra, destino de peregrinações frequentes desde então. O Santuário, em virtude da acção de D. João V, estabelece uma interessante relação com outro local onde ocorria um elevado número de pessoas, que vinham a “águas” desde os finais do século XV, quando D. Leonor funda o Hospital Termal das Caldas da Rainha. Situado no interior do termo de Óbidos, este hospital conquista o seu próprio espaço administrativo em virtude de um acelerado desenvolvimento e do amparo régio que lhe foi concedido. O

concelho de Óbidos, à época, possuía outras nascentes termais, como demonstra a tradição de banhos na Quinta das Janelas até há poucos anos atrás. A preponderância das Caldas da Rainha assumiu contornos de inevitabilidade, levando à inconsequência de projectos termalistas que eram defendidos na vereação da Câmara Municipal de Óbidos, ainda nos finais do século XIX. Concluindo, podemos afirmar que é caudalosa e repleta de potencialidades de investigação a relação da vila de Óbidos com o elemento água. Do seu posicionamento geoestratégico junto a uma lagoa até ao aparecimento do primeiro Hospital Termal do Mundo, bem no interior do seu termo, fica a História do engenho e capacidade de adaptação das populações e da relação com Rainhas, gerando aquedutos e templos onde as propriedades da água eram aproveitadas e, de alguma forma, veneradas.

BIBLIOGRAFIA

CÂMARA, Teresa Bettencourt. Óbidos - Arquitectura e Urbanismo. Séculos XVI e XVII. Câmara Municipal de Óbidos e Imprensa Nacional da Casa da Moeda. Estudos Gerais, Série Universitária.
GORJÃO, Sérgio. Museu Municipal de Óbidos - Catálogo. Câmara Municipal de Óbidos: 2000.
Memórias Históricas. Câmara Municipal de Óbidos: edição de 2001.
PEREIRA, Paulo. Enigmas - Lugares Mágicos de Portugal. Espírito da Terra. Volume VII. Circulo de Leitores.

CIRCUITOS TEMÁTICOS

Óbidos como Experiência de Conhecimento. É esta a nossa proposta baseada numa relação de troca entre quem comenta os circuitos e quem deles desfruta. O nosso princípio também é claro, gostaríamos que cada visita representasse um ponto de partida para que procure conhecer melhor a vila em todas as componentes da sua história. Por tudo isto apostámos em formatos informativos ligeiramente diferentes do habitual, com mais texto e mais imagens, tentando fomentar a sua curiosidade, apenas com aquilo que Óbidos tem de melhor. Pequenos passos pelas estreitas ruas da vila irão revelar séculos de enriquecimento artístico, de transformação da vila, de protecção régia, de devoção religiosa e de vivências quotidianas, que transformaram Óbidos nesta experiência única.

CIRCUITOS DISPONÍVEIS

- RAINHAS E OUTRAS SENHORAS
- AMBIENTE HISTÓRICO DE ÓBIDOS
- NO CURSO DAS ÁGUAS
- ÀS ARMAS EM ÓBIDOS
- O AZULEJO EM ÓBIDOS
- A HERANÇA MEDIEVAL
- PINTURA ANTIGA EM ÓBIDOS
- O BARROCO JOANINO DO SANTUÁRIO SENHOR JESUS DA PEDRA

INFORMAÇÕES E MARCAÇÕES:

T. 262 955 561

E-mail: obidospatrimonium@cm-obidos.pt

www.cm-obidos.pt

Projecto co-financiado pela União Europeia

